Revista Psicologia e Transdisciplinaridade
Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Quanto de metodologia cabe na infância? (Des)caminhos cartográficos de uma pesquisa na Educação Infantil

How much methodology is there in childhood? Cartographic (dis)paths of research in Early Childhood Education

¿Cuánto de metodología cabe en la infancia? (Des)caminos cartográficos de una investigación en la Educación Infantil

Amanda Silva de MEDEIROS[1]
João Paulo RISSO[2]
Suely SCHERER[3]

Resumo: Este artigo se propõe a apresentar/problematizar entradas de um mapa metodológico de uma pesquisa sobre infância, que será constituído de entradas múltiplas. A pesquisa está em desenvolvimento e problematiza o espaço ocupado pela infância na Educação Infantil por meio de imagens produzidas por crianças, professoras e pesquisadora. Neste sentido, no artigo se discute a cartografia como uma metodologia para essa pesquisa infante, habitada por deslocamentos, incertezas, criançar. A cartografia surgiu nesta pesquisa como uma possibilidade de escape, de uma composição infante, guiada por afetos oriundos de encontros a serem realizados entre pessoas, espaços, tempos. Assim, a cartografia guiou/guia a construção de múltiplas entradas apresentadas neste artigo que dizem de encontros a serem marcados com crianças, professoras, escola, pesquisa... outras entradas que não cabem neste artigo e outras que ainda nem são conhecidas, mas que possibilitam o (des)caminho de uma pesquisa infante.
Palavras-chave: Mapa metodológico. Cartografia. Infância. Educação Infantil.

Abstract: This paper aims proposes to present/problematize entries from a methodological map of a research on childhood, which will consist of multiple entries. The research is under development and problematizes the space occupied by childhood in early childhood education through images produced by children, teachers and researcher. In this sense, the article discusses cartography as a methodology for this infant research, inhabited by displacements, uncertainties, children. Cartography emerged in this research as a possibility of escape, of an infant composition, guided by affections arising from encounters to be carried out between people, spaces, times. Thus, cartography has guided/guides the construction of multiple entries presented in this article that refer to meetings to be scheduled with children, teachers, school, research... other entries that do not fit in this article and others that aren't even known yet, but that allow the (dis)paths of an infant research.
Keywords: Methodological Map. Cartography. Childhood. Child Education. Images.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar/problematizar entradas de un mapa metodológico de una investigación sobre la infancia, que será constituido de entradas múltiples. La investigación se encuentra en desarrollo y problematiza el espacio que ocupa la infancia en la Educación Infantil a través de imágenes producidas por niños, profesores e investigador. En este sentido, el artículo discute la cartografía como metodología para esta investigación infante, habitada por desplazamientos, incertidumbres, niños. La cartografía apareció en esta investigación como una posibilidad de escape, de una composición infante, guiada por los afectos de los encuentros entre personas, espacios, tiempos. Así, la cartografía ha guiado/guia la construcción de múltiples entradas presentadas en este artículo que hablan de encuentros con niños, profesores, escuela, investigación ... otras entradas que no caben en este artículo y otras que ni siquiera se conocen, pero que permiten el (des)camino de una investigación infante.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestra em Educação Matemática (UFMS). Bolsista CAPES. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2525-0877. E-mail: medamanda94@gmail.com.

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestra em Educação Matemática (UFMS). Bolsista CAPES. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0552-7034. E-mail: joaormat@gmail.com.

[3] Doutora em Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutora em Educação pela UFPR com estágio científico na Universidade de Lisboa. Professora associada na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), atuando nos Programas de Pós-graduação em Educação e Educação Matemática. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2213-3803. E-mail: suely.scherer@ufms.br.

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Palabras clave: Mapa metodológico. Cartografía. Infancia. Educación Infantil. Imágenes.

Escapes e...

Figura 1 - *O que vejo quando me permito olhar para o que escapa?*

Fonte: Janela de um quarto, em um dia de agosto

Há uma rota estabelecida quase sempre que nos propomos a algo. Uma pesquisa, uma escrita, são guiados por uma estrutura, pelo que é previsível. É confortável pensar em um roteiro, nos passos estabelecidos minuciosamente para um caminhar. É como se iniciássemos um caminho já sabendo/antevendo tudo que o constitui e olhássemos somente para aquilo, para a frente, para a rota, para o caminho já traçado a ser percorrido. Mas o que acontece quando olhamos para os lados, para cima, para trás... direções outras? O que acontece quando nos permitimos ser parte deste caminho também, compor com o que escapa da rota traçada? O que acontece quando traçamos a rota ao caminhar, nos deixando afetar pelo que vemos, ouvimos, sentimos,... a cada momento e movimento? O que acontece quando nos permitimos tirar os olhos do computador e olhar para o lado, para as folhas que balançam com o vento, para o sol que as atravessa e entra pela janela e ser afetado por esse momento?

Estas linhas são uma tentativa de pensar no que escapa, no permitir, no olhar para direções outras em uma pesquisa em desenvolvimento. Uma pesquisa na/sobre/com infância. Uma pesquisa na Educação Infantil que se propõe a problematizar espaços que a infância ocupa

na Educação Infantil, seja em currículos vivenciados, em movimentos de formação de professores, em salas de aula, por meio de imagens produzidas por crianças, professoras, pesquisadora. Como operar nestes espaços de infância?

Esta questão ainda ressoa em nós por este movimento de pesquisa se compor com crianças, em uma tentativa/desejo para que a infância delas, desestabilizadora, sem rota, que incomoda, problematiza, trasnvê o mundo, também habite em nós, que pesquisamos em/com/os espaços de infância. Leite (2016) diz da necessidade de percebermos que pensar a infância, assim como a pesquisa e a educação, implica em desvincular-se de um ponto de partida, de rotas traçadas, de pontos de chegada delimitados. Esse movimento parece se aproximar, para nós, de começar sempre, continuamente. Um movimento infantil e atrevido.

> Repitamos, sim repitamos: começar é um verbo infantil e a infância é uma forma de vida: uma vida infantil é uma vida que (sempre) começa, que começa cada vez mais, porque a vida ama renascer e assim vai se nutrindo de infância. Infância na vida e vida infantil... por isso, começar é uma maneira de manter viva e dar vida à infância. Talvez por isso celebramos com tanta alegria começos potentes e exuberantes em um mundo cronologicamente adulto (KOHAN; CARVALHO, 2021, p.57, tradução nossa)[4]

Assim, lançamo-nos em um movimento de pensar modos de coabitar esses espaços com as crianças, sendo mobilizados por suas transgressões, liberdades, criações, compondo com elas uma pesquisa, uma metodologia que se produza nos começos. Começos que se fazem a cada encontro, na potência de se permitir afirmar a afirmação da vida que é a infância. Fazer disso um modo de produzir e compor uma pesquisa, uma escrita, mundos, vidas. E então, mais perguntas surgem...

Como pensar uma metodologia que nos mobilize a deixar que escape de nós estes afetos? Que nos movimente a compor também com o que escapa, com o que ressoa, com o que afeta? Com galhos de árvore, luz do sol, infância, escola, risadas, coloridos, angústias, imagens? Como operar em um caminho com diversas entradas, rotas, possibilidades, marcas? Começos? Talvez, cartografando e produzindo mapas?

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma [mapa] talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas; a toca, neste sentido, é um rizoma animal, e comporta às vezes uma nítida distinção entre linha de fuga como corredor de deslocamento e os estratos de reserva ou de habitação (cf. por exemplo, a lontra). Um mapa

[4] Repitamos, sin repitamos: comenzar es un verbo infantil y la infancia es una forma de vida: una vida infantil es una vida que (siempre) comienza, que comienza cada vez, porque la vida ama renacer y así se va nutriendo de infancia. Infancia en la vida y vida infantil... por eso, comenzar es una manera de mantener viva y dar vida a la infancia. Talvez por eso celebramos con tanta alegría comienzos potentes y exuberantes en el mundo cronológicamente adulto.

> tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre 'ao mesmo'. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida 'competência' (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar entradas de um mapa metodológico de uma pesquisa sobre infância, que será constituído de entradas múltiplas. Entradas[5] de uma pesquisa que se apropria da cartografia, entradas estas que buscarão dar visibilidade ao que escapa e que irão compor o que denominaremos de mapa metodológico de uma pesquisa infante. Entradas que são potência para que nos coloquemos sempre a recomeçar uma pesquisa e uma escrita infantil.

Escapes e mapa metodológico e...

Cartografar é, pois, caminhar no fio da navalha.
(MOLIN, 2011, p.307)

Entrada 867

Cartografar. Habitar e compor espaços, sejam eles de pesquisa, de escrita (como este e tantos outros), de vida. Produzir e operar a partir das forças que movimentam encontros (GONDIM, 2017). Em nosso mapa metodológico temos pontos de entrada para estes encontros. E acreditamos ser necessário dizer deles, pois não entendemos que sejam parte de uma rota determinada, mas sim, afetos de leituras, discussões, reflexões, problematizações que, neste momento, nos movimentam a experimentações de mundos, vidas, existências. São essas entradas que vão nos levar a diversos outros caminhos que vão se compor em

> [...] uma produção que acompanha e se faz junto a modos de existências, a estilos de vida. Multiplicidades e não unidades. Diferenças e não repetições. E as vidas que elas produzem – ou as vidas que nelas pulsam – vibram, afetam e são afetadas por outras que, também nelas, são inauguradas (GONDIM, 2017, p.19).

Vidas que pulsam e que ainda irão pulsar na pesquisa em desenvolvimento, a partir de pontos de entrada para mundos onde ressoam experiências e infâncias e (des)formações e imagens e...e...e... São entradas que apresentamos/problematizamos neste artigo ao compor um mapa metodológico para a pesquisa.

[5] Por ser este um texto que se compõe de entradas guiadas em sua escrita por afetos, vez ou outra elas podem surgir escritas na primeira pessoa do singular (quando se referirem aos movimentos de uma das autoras na escola) ou na primeira pessoa do plural (quando se referirem a movimentos mais gerais dos pressupostos da pesquisa).

Uma entrada está nos encontros a serem marcados com crianças e com as imagens[6] produzidas por elas. Imagens produzidas no espaço escolar, espaço físico de uma escola, com um celular na mão. Imagens que podem disparar outros encontros para falar sobre as imagens e quem sabe produzir outras imagens e...e...e...

Outro ponto de entrada está nos encontros a serem marcados com as professoras das crianças e com as imagens produzidas por elas. Encontros e imagens que poderão ser disparadores de uma (des)formação de professoras. Um movimento de (re)existências no espaço da Educação Infantil de uma escola, de experimentação, guiado por afetos, por vibrações. Não há uma periodicidade estipulada para os encontros, assuntos pré-definidos... Há uma entrada: imagens produzidas por professoras em um espaço escolar e encontros para dialogarmos sobre afetos que elas nos causam e sobre infância e sobre currículos e sobre ... Diálogos que podem disparar outros encontros e outras imagens e outros diálogos e...e...e...

Há, também, um ponto de entrada que está acontecendo aqui, nessas linhas, e vai mudando a cada encontro com outros mundos. Se dá nos afetos de pesquisadores, nas experiências, no que ressoa, nos mundos que estão sendo criados por meio de pontes de linguagem citados por Rolnik (2016). Modos outros de dizer de heterogeneidades, de multiplicidades, de (des)formações. Estar em espaços de infância (no plural mesmo porque, quem sabe, este também não seja um deles?) e se entregar a eles e cartografar novos modos de dizer, de experienciar, de viver, de...

Entrada 10

Com poesia compor...Compor uma (des)formação com professoras da Educação Infantil. Uma (des)formação por meio de encontros. Encontros estabelecidos por afetos. Afetos disparados por imagens (e quem sabe coisas outras?). Imagens produzidas por professoras, por alunos, por uma pesquisadora. Produção realizada dentro do espaço escolar, espaço físico, sem hora marcada, sem pergunta lançada. Apenas fotografar quando a vontade chegar e o corpo ressoar este afeto em um ato: fotografando. E depois? Nos reunirmos, no chão, na sala, embaixo de árvores, onde a vontade nos levar e falar sobre essas imagens. Falar sobre infância e sobre como ela ocupa esses espaços fotografados. Sobre como ela move os corpos que fotografam. E

[6] As imagens apresentadas neste artigo foram produzidas na pesquisa de doutorado em questão, aprovada no Comitê de Ética da universidade na qual foi desenvolvida. A produção e utilização dos dados foram autorizados pelos participantes da pesquisa. Declaramos ter o direito de exibição das imagens.

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

falar de outras coisas também, coisas que surgirem. E, com isso, (re)começar a fotografar, para nos encontrarmos de novo, em algum espaço da escola, com imagens e outros afetos para tentarmos ser os artistas citados por Manoel de Barros. Fazer da formação uma arte, pois "a arte não tem pensa. O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam" (BARROS, 2015, p.83). Compor então uma (des)formação de professores guiada por afetos, imagens, infâncias, diálogos, ...

Figura 2 – Uma desformação guiada de mãos dadas com a infância

Fonte: dados da pesquisa

Entrada 503

> O problema, para o cartógrafo, não é o do falso-ou-verdadeiro, nem o do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. *O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade*. Implicitamente, é óbvio que, pelo menos em seus momentos mais felizes, ele não teme o movimento. Deixa o seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização. *Ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua* (ROLNIK, 2016, p.66, grifos da autora).

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Como dar passagem ao que nos afeta? Como compor com nossas experiências? Um corpo que vibra...Para que esse corpo vibre se faz necessário um olhar atento, no sentido de perceber em como o que está acontecendo pode contribuir com a pesquisa, de olhar para o caminho e sentir, com o corpo e a língua, o que ressoa em nós. E, com isso, produzir narrativas repletas de afeto.

As crianças têm esse olhar atento, pois dizem do sensível com a língua, com o corpo, andam em um caminho que permitem a elas um fora, percorrendo lugares de passagem, mapeando afetos, de todos os modos e, com eles, criando constelações afetivas (CORAZZA; TADEU, 2003).

Que constelações vamos criar? Que constelações criamos agora?

Entrada 5

> No aeroporto o menino perguntou:
> — E se o avião tropicar num passarinho?
> O pai ficou torto e não respondeu.
> O menino perguntou de novo:
> — E se o avião tropicar num passarinho triste?
> A mãe teve ternuras e pensou:
> Será que os absurdos não são as maiores virtudes
> da poesia?
> Será que os despropósitos não são mais carregados
> de poesia do que o bom senso?
> Ao sair do sufoco o pai refletiu:
> Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com
> as crianças.
> E ficou sendo (BARROS, 2010, p. 469).

E se uma pesquisa tropicar em um modelo, uma representação?

E se uma pesquisa tropicar em no adultocentrismo?

E se uma pesquisa tropicar no bom senso?

E se uma pesquisa tropicar em infâncias?

E se uma pesquisa tropicar em vidas?

E se uma pesquisa tropicar em um passarinho?

E se uma pesquisa tropicar...?

Uma pesquisa pode tropicar?

Entrada 543

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

No movimento cartográfico, a metodologia de pesquisa é vista como percurso, como um caminho através, um caminho "cuja produção de dados não acompanha a linearidade cronológica e histórias de fatos e, sim, a processualidade dos acontecimentos. Compreendendo acontecimento junto ao pensamento." (RUIDIAZ, 2014, p. 54). Sem negar a existência da produção de dados, afirma-se uma não procura dos mesmos, e sim dos encontros.

Não se trata de um simples encontro, um encontro prezando uma suposta neutralidade, um encontro hierarquizado, verticalizado; ao contrário, se trata de um encontro que não visa manter-se distante - na qual o/a pesquisador/a deseja tornar-se um tipo de observador/a invisível, trata-se de um encontro no qual ocorre transversalidades, imbricações, atuações diretas e explícitas, encontros em que o pesquisador "mergulhe nas intensidades do presente" (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

> *Estou na borda desta multidão, na periferia; mas pertenço a ela, a ela estou ligado por uma extremidade de meu corpo, uma mão ou um pé.* Sei que esta periferia é o meu único lugar possível, eu morreria se me deixasse levar ao centro da confusão, mas também, certamente, se eu abandonasse a multidão. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 40, grifo dos autores).

Entrada 23

Uma pesquisa na e com e sobre e a partir e habitando a e... infância. Uma ascensão ao tartamudo de Manoel de Barros (2015). Corpos de infância que resistem às normas, às disciplinas. Corpos de infância que (re)existem. E gaguejam e causam gaguejos e são afetados e afetam e....Corpos de infância que dão às coisas funções outras. Que dão aos corpos funções outras. Que dão às escolas funções outras. Que dão aos currículos funções outras. Que dão às imagens funções outras... Que dão à essa pesquisa em desenvolvimento funções outras. Infância repleta de devir, do agora, do acontecimento, do que escapa, do que atravessa. Infância que cria mundos, que desestabiliza, que dá vertigem (CHISTÉ, 2015).

Infância que corre em meio a diversas entradas, que é o caos e que nos leva para ele. Infância que não tem uma linguagem, uma rota, mas que a cria a partir dos acontecimentos. Infância que resiste a modelos, representações, ao fim, ao depois. Infância que afirma novos começos, que traças linhas outras, que fogem ao contorno, ao controle, ao silêncio. Infância que é potência para que a gente se pergunte: e fosse de outro modo? (CHISTÉ; SANTOS, 2019).

Não seria a cartografia infante?

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Figura 3 - Encontro

Fonte: dados da pesquisa

Entrada 1001

Barros e Kastrup (2009) afirmam que cartografar é acompanhar processos. Trata-se de um imponente desafio. O desafio inicia-se na construção de modos de acompanhar os processos, visto que tais modos não são construídos a priori e são determinados de maneira distinta para cada pesquisa ou para cada momento da pesquisa. Uma pista para lidar com essa primeira etapa do desafio consiste em habitar o território pesquisado e a partir desse contato ir elaborando modos de acompanhar os processos pesquisados. Esses modos ganham potência quando não são fixos, únicos e desconexos das forças que se movimentam no território. Cada cartógrafo cria coletivamente os modos de acompanhar os processos que a sua pesquisa requer, ou seja, não há uma norma (em um sentido foucaultiano mesmo) de como ocorre o acompanhamento dos processos. O que há são cuidados e pistas e criatividade e ética e...

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

> A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73, grifos das autoras).

Trata-se então de uma pesquisa de movimentos, (re)existências, (des)formações que acontecem a partir do que afeta, do que toca e que possibilitam a criação de outros modos de operar, de pesquisar, de compor, de outros mundos.

Entrada 90

O ANDARILHO (ou Cartógrafo)

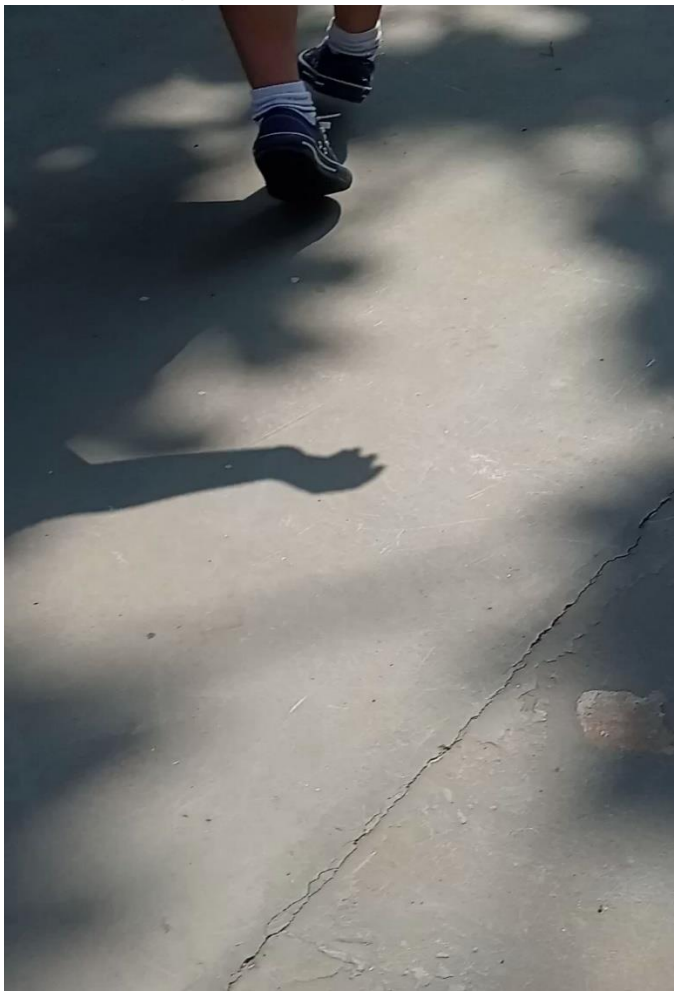
Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.
De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertenço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.

(BARROS, 2015, p.84).

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Entrada 299

Figura 4 - *Cartografia infante*



Fonte: dados da pesquisa

Entrada 98

Como ocupar os espaços de uma escola nesta pesquisa em andamento? Talvez, sendo andarilha...talvez sendo guiada pelos encontros. Encontros com as crianças, com as professoras, com as imagens, comigo mesma. Encontro dentro de uma sala de aula, observando e fazendo o que mais? O que o corpo pedir.... Encontro no recreio/intervalo/hora de lanche/hora do parque para talvez sentar e olhar ou fotografar ou, quem sabe, brincar de pega-pega, de roda, de balanço, de esconde-esconde, de... e de...? Encontro nos corredores e pátio e em outros espaços e tempos para estar com as crianças e permitir que a infância delas também habite em mim, pesquisadora

infante. Permitir encontros guiados pelas mãos diminutas. Estar com as crianças e compor com elas minhas/nossas produções. Produções de imagens e de que mais? Do que vai escapar, do que vai implorar para sair de algum modo. Ser então resistência à sensatez de adulto e ocupar espaços e tempos da infância, com crianças e professoras, em encontros guiado pela ascensão ao tartamudo, ao gaguejo, ao devir (BARROS, 2015).

Entrada 78

No fazer cartográfico, ao mesmo tempo que o/a pesquisador/a subjetiva os pesquisados/as, também é subjetivado/a pelos mesmos. No entanto não se trata de subjetivações constituídas somente entre pesquisador/a e pesquisado/a, mas dos múltiplos elementos do território existencial habitado, do plano da experiência dos participantes da pesquisa.

No caminho metodológico cartográfico nota-se a utilização de diversificados procedimentos de produção de dados: observação participante, questionário, entrevistas, mapas narrativos, análise documental, oficinas, dentre outros. Porém, a utilização de variados tipos de procedimentos metodológicos não implica em um monopólio da Cartografia em relação a tal postura. Além disso, a quantidade de procedimentos metodológicos não define se o pesquisador está ou não cartografando. Por que a utilização de múltiplos procedimentos metodológicos é uma característica de inúmeros trabalhos nos quais lança-se mão da Cartografia? É um simples modismo? Certamente não, ao contrário, é uma postura relacionada a teorizações em torno de um certo conceito: o rizoma.

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 23), "o mapa ou o rizoma têm essencialmente entradas múltiplas". Assim, as aberturas múltiplas da Cartografia, que é rizoma, possibilitam ao pesquisador um leque inimaginável de possibilidades de produção (acesso) de (aos) dados (encontros). Enquanto sistema aberto, a Cartografia possibilita entradas inclusive pelos caminhos dos decalques, ou seja, pelos caminhos metodológicos disponíveis, "observando [porém] as precauções necessárias (renunciando-se também aí a um dualismo maniqueísta)" (DELEUZE; GUATTARI, p. 23). Os filósofos franceses afirmam que o cartógrafo muitas vezes é obrigado a "cair em impasses, a passar por poderes significantes e afetos subjetivos, a [...] apoiar em formações edipianas, paranóicas ou ainda piores, assim como sobre territorialidades endurecidas que tornam possíveis outras operações transformacionais" (DELEUZE; GUATTARI, p. 23). Portanto, os caminhos dos decalques ou vias das árvores-raízes também

podem produzir transformações e, por meio delas, conexões com outros rizomas (mapas), potencializando a abrangência do método cartográfico.

O cartógrafo/a compõem novas aberturas em sua pesquisa, transgrede as vias das árvores-raízes, cria rizomas. A metodologia de pesquisa está em um constante processo de devir. As entradas são múltiplas.

Entrada 225

Cartografar é ser livre das gaiolas metodológicas, visto que o cartógrafo "não se subordina a um protocolo, a uma norma, a uma receita... cartografar é prática, exercício..." (GONDIM, 2017, p. 20). Ao usufruir desta liberdade, o cartógrafo opera pelas vias da inventividade, por meios não convencionais, pelas estradas inesperadas, suas "cartografias buscam produzir desenhos da processualidade de *invenção de mundos* e de *experimentação* com eles" (GONDIM, 2017, p. 19, grifos nossos).

Que mundos você cria e experimenta?

Escapes e mapa metodológico e caos e...

> *Eu vos digo: é necessário ter um caos em si para poder dar à luz uma estrela bailarina. Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós.*
> (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

As crianças têm o caos dentro delas. Dão à luz uma estrela bailarina. Criam mundos, inventam palavras, funções. Usam o corpo de outro modo, transformam, exploram, gargalham, escapam, resistem, são singulares. As crianças cartografam o mundo delas, mundos, o nosso mundo... São artistas inventivas, desformam, "abrem e fecham portas, telhados e planos, enlouquecem totalmente o pensamento do bom senso e do senso comum da educação infantil, fazendo voar os morcegos que bicam suas janelas" (CORAZZA; TADEU, 2003, p.90).

Em seus mapas, intensos e extensos, repletos de afetos, elas passam por nós.

O caos delas transborda e pode nos atingir como pesquisadores na/sobre/com a infância.

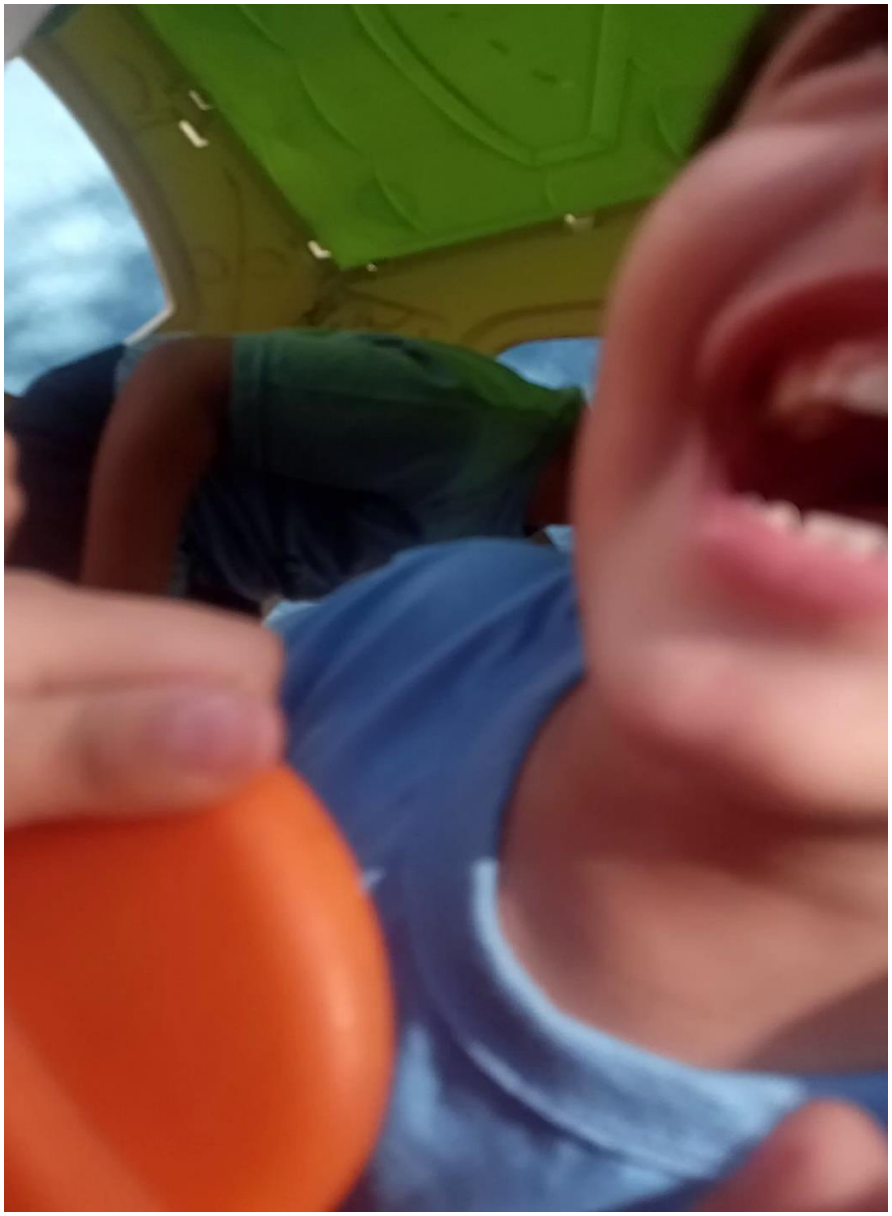
E o que fazemos? Por vezes não vemos ou não aceitamos dar à luz uma estrela bailarina. Se vemos, muitas vezes apagamos a luz que chega até nós e nos silenciamos no que é confortável, esperado, determinado, no senso comum, nos planos. Estas linhas e a pesquisa infante em

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

desenvolvimento, se propõem (no presente, pois é movimento, está acontecendo agora) a caminhar em mapas, em meio a múltiplas entradas, com imagens, risadas, desenhos, corridas, desformações. A compor uma metodologia singular, guiada por afetos, cheia de infância.

Aqui tentamos, e ainda vamos continuar tentando deixar o caos dentro de nós, deixar que a infância nos habite e habitar a infância ao pesquisar sobre/com/as crianças e espaços e tempos de uma escola de/para Educação Infantil.

Figura 5 - *Caos*



Fonte: dados da pesquisa

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Agradecimentos

Agradecemos a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – código de financiamento 001, pelo apoio financeiro a este trabalho.

Referências e atalhos e cortina vermelha e...

BARROS, M. *Meu quintal é maior do que o mundo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, L. P.; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia:* pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CHISTÉ, B. S. *Devir - criança da matemática:* experiências educativas infantis imagéticas. 2015. 106 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro - SP, 2015. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127793. Acesso em 20 ago. 2020.

CHISTÉ, B. S.; SANTOS, G. T. dos. Se Essa Rua Fosse Minha... Entre Imagens e Infâncias: mapas, rastros e traços do corpo-criança. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 9, n. 4, p. 1-23, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbep/a/XHhPNkBbmj6SgQ9GrQs7Tcq/?lang=pt&format=html. Acesso em 12 ago. 2020.

CORAZZA, S.; TADEU, T. *Composições.* Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs:* Capitalismo e Esquizofrenia, v.1 [tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GONDIM, D. de. M. Cartografando vidas e desenhando geometrias afetivas: possibilidades na educação matemática. *Educação Matemática em Revista*, p. 17-31, 2017. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180425115202id_/http://www.sbem.com.br/revista/index.php/emr/article/viewFile/844/pdf. Acesso em 12 ago. 2020.

KOHAN, W. O. CARVALHO, M. C. Atreverse a uma escritura infantil: niñas y niños para filosofia o la infância como abrigo y refugio. *In*: HERNÁNDEZ, I. R. (Coord.) *Tópicos de filosofia y educación para el siglo XXI.* México: Clacso. 2021.

LEITE, C. D. P. *Infância, tempo e imagem:* contornos para uma infância da educação. Leitura: Teoria & Prática, v. 34, n. 68, p. 13–28, 2016. Disponível em: https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/524. Acesso em 12 ago, 2020.

MOLIN, F. dal. Rizomas e fluxos molares e moleculares da máquina-escola: confissões de um cartógrafo. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 2, p. 303-311, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/wDVNjZCr693WbT7cCDrqwGx/?format=html. Acesso em 12 ago. 2020.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra.* Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental:* transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RUIDIAZ, P. J. A. *O que podem as oficinas de geometria? Cartografando uma sala de aula da EJA.* 2014. 136 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110490. Acesso em 12 ago. 2020.

Recebido em 14 de julho de 2022
Aceito em 27 de setembro de 2022

Este artigo está licenciado sob a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.